

*Argumento
Coelho*

~~A DESONRA~~ DOS POETAS

NATÁLIA CORREIA

Se quisermos fixar em dois padrões as correntes que potencializam as tendências progressiva e regressiva das sociedades, o Poeta e o Censor são os dois exemplos que mais rigorosamente se ajustam à caracterização dessa dualidade.

O poeta emerge do colectivo impelido pelo pressentimento de um espaço humano mais amplo. É a sentinela do futuro. O Censor, ~~germinado nos esconços mais obscuros da Humanidade, encarna a reminiscência dos medos atávicos que~~ reduzem o homem à escravidão das ortodoxias. É a sentinela do passado.

Assumindo um paradigma de liberdade que é a libertação total do homem, a poesia é tanto mais genuína quanto se revela o agente dinâmico dessa finalidade do espírito. Daí uma constante assimetria entre o revolucionarismo poético e a revolução operada no âmbito político, económico e social.

Vanguardismo literário e revolução social podem então em dado momento tornar-se inimigos mortais ainda que cada um se empenhe na luta pelo progresso que a poesia desencadeia apaixonadamente e numa forma englobante e o maquinismo social desenvolve gradativamente, metendo travões que implicam limites tendentes a consolidar um conceto prático de liberdade.

Nunca uma sociedade, por maior que seja o seu grau de desenvolvimento, pode encher esse genial vazão de carências de que a poesia é o epifenómeno.

Quanto mais o Estado preserva em defender as instituições que alienam o homem, mais o poeta surgirá aos olhos dos detentores do poder como o manipulador de subtis venenos sociais. É assim que vemos coexistir aberrativamente no seio das culturas voltadas para o passado, o Poeta e o Censor como mediums de um mundo angélico e demoníaco que se degladiam num

duelo de morte.

Neste embate entre o poder temporal do Censor e a intemporalidade do Poeta, os primeiros louros da vitória vão adornar a frente sombria do primeiro. A poesia é atingida genéticamente. Ela não pode realizar-se, trazendo o vírus da censura no sangue. Ela, que é a expressão mais sensível da ideia, não pode sobreviver integralmente à castração da sua mais premente potencialidade que é o dom de recrear o mundo do seu poder de ideação, restando-lhe apenas os cadáveres de palavras destituídas de sentido, flutuando na superfície da sua inspiração.

~~Dos perigos inerentes à opressão política exercida sobre o poeta ocorre-nos lembrar uma antologia intitulada L'Honneur Des Poètes na qual foram reunidos os poemas publicados clandestinamente em Paris durante a ocupação nazi.~~

~~A propósito desta colectânea onde figuram poetas da envergadura de Aragon e Eluard, publicou Benjamin Péret um folheto crítico que contra-intitulou de Le Deshonneur Des Poètes.~~

~~O que Péret considera a desonra dos poetas não é mais do que o dramático desfecho de uma situação criada pela tirania nazi que inflamando de ardores cívicos e patrióticos o estro dos poetas franceses, levou-os em nome da liberdade, a pactuar com os dogmas de um estreito nacionalismo, vinculando momentaneamente a poesia a fantasmas cujo repúdio é condição prévia à conquista da verdadeira liberdade.~~

~~É realmente fatal que sob o signo do despotismo o poeta seja arrastado para a desonra.~~

~~Quando não se torna cúmplice voluntário do seu inimigo, expurgando deliberadamente da sua obra tudo o que possa perturbar a orgânica da opressão, resta-lhe o caminho da combatividade dirigida no sentido cívico que desvia a poesia da sua tendência para o universal, fazendo-a exaltar uma liberdade que sendo uma mistificação estéril da lei só serve para dissimular os obstáculos que se opõem à verdadeira libertação do homem.~~